

Apresentação

Após a publicação do dossiê “Marxismo e questão racial”, *Lutas Sociais* fecha 2015 com o foco em mais um problema candente: desenvolvimento capitalista e questão ambiental. E, em se tratando de relações sociais, as próprias palavras estão entranhadas de ideologias e se entrelaçam com disputas políticas e complexas. A começar pelo que se entende por “desenvolvimento” e “meio ambiente”, contra os quais ninguém se manifesta, o que não impede o enlace macabro de expansão capitalista e devastação ambiental.

No primeiro artigo do dossiê, John Bellamy Foster ilumina a constante preocupação ecológica de Marx e Engels, sem a qual a compreensão da obra destes autores fica incompleta; destaca aspectos pouco conhecidos das contribuições de marxistas para a abordagem científica de questões ambientais; e apresenta uma proposta teórico-política na qual as lutas pela urgente (se ainda possível) defesa do planeta convergem cada vez mais, em diferentes fases, com as voltadas para a transformação social.

Se Foster realiza uma tentativa de apropriação teórico-ideológica da noção de “desenvolvimento sustentável”, a inserção desta em dispositivos de interpelação ideológica que legitimam, no capitalismo, processos de degradação, por vezes irreversíveis, do meio ambiente é feita no artigo de Rogata Del Gaudio, Eliano Freitas e Doralice Pereira, que recorrem a uma instigante metodologia de análise do discurso.

O desenvolvimento desigual do capitalismo adquire maior complexidade ao se apropriar – redefinindo-as – de espacialidades já desiguais. É o que Gramsci abordou brilhantemente na análise da questão meridional italiana. Esta é a inspiração maior de Antonio Eduardo de Oliveira, que examina região e regional enquanto categorias espaciais estreitamente relacionadas com o capitalismo em suas múltiplas dimensões.

A dramaticidade das relações entre expansão capitalista e degradação ambiental adquire contornos mais nítidos com a análise de Frédéric Thomas a respeito do processo de integração de territórios haitianos ao capitalismo mundial via atividades extrativistas que agridem o modo de vida de camponese(a)s, cujas lutas têm como ponto central a defesa da soberania alimentar.

Seja qual for a avaliação que se faça deles, os governos Lula da Silva contribuíram para reativar os debates sobre o desenvolvimento e o desenvolvimentismo. Lúcio Flávio de Almeida elenca algumas das principais questões e formula hipóteses a

respeito delas a partir de uma perspectiva atenta aos vínculos entre poder político e relações de classes. Celia Congilio e Renato Martins intervêm no mesmo debate centrando o foco em uma questão concreta e, ao mesmo tempo paradigmática: as relações entre a intensa expansão capitalista no sudoeste do Pará, a qual se realiza em bases fortemente extrativistas, e a prática de educação técnica em uma unidade do principal campus universitário da região.

O dossiê se encerra com uma bela entrevista na qual a pesquisadora Maria Aparecida de Moraes Silva discorre sobre as metamorfoses do mundo rural a partir da década de 1970, a importância da cultura camponesa, inclusive de suas utopias, a atualidade da reforma agrária e os impactos que o atual processo de “acumulação por espoliação” produz sobre o(a)s trabalhadore(a)s do campo. A abordagem destas questões é inseparável do relato da fecunda trajetória científica da própria autora.

Além do denso dossiê, este número apresenta cinco artigos de relevância indiscutível. Com base em uma análise das relações de classes nos governos petistas, Ricardo Antunes analisa a profunda crise do social-liberalismo durante o governo Dilma Rousseff. A inegável importância dos jornalistas econômicos no processo de reprodução da ideologia dominante é examinada por Antonio Paulino de Sousa. José G. Giavedoni contribui para uma compreensão do poder político no capitalismo que parta das teorizações econômicas, a começar pela teoria marxista do valor. Eliel Machado, inspirando-se nas formulações de Nicos Poulantzas, dá mais um passo à frente em suas teorizações marxistas sobre os movimentos sociais. E Andressa Ribeiro, ao abordar o taylorismo, o fordismo e o toyotismo, demonstra que ainda há muito o que discutir sobre os padrões de produção no capitalismo.

Quatro resenhas, uma das quais diretamente relacionada com o dossiê, encerram esta edição. Como de costume, aguardamos sugestões, especialmente críticas, ao mesmo tempo em que se organiza o novo Comitê Editorial que coordenará a produção do próximo número de *Lutas Sociais*.

O editor